



Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório¹

Outubro, 2021

ABC Drummond

<https://www.youtube.com/watch?v=-xd507b9QYk>²

Abril, 2021. Escrevo sobre o autor do módulo 10 seis meses antes de as videoaulas irem ao ar nos Estudos em Escrita Criativa On-line – Os mundos de dentro. Quase consigo tocar o futuro, ou será que é o futuro que quase tomba aos meus pés, como se fosse onda de mar na primavera?

Escrevo imaginando não ter lido ainda o autor do módulo 10, como se eu fosse uma criança pequena e estivesse me alfabetizando, aprendendo as primeiras letras do poeta nascido em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, há quase cento e vinte anos (em 2022), no dia 31 de outubro: Carlos Drummond de Andrade.

E, como se eu fosse criança pequena e estivesse me drummondiano, tomo nas mãos uma coleção, feita para jovens, de crônicas, contos e poemas do poeta do meio do caminho, ele, pedra, eu, rio. Bebo *As palavras que ninguém diz*.³

A seleção da doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP e autora, entre diversos, de *Machado de Assis – As artimanhas do humano* (2006), Luzia

¹ Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

² E agora, José? In *E agora, José?* Paulo Diniz. 1972.

³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *As palavras que ninguém diz*. Seleção: Luzia de Maria. Rio de Janeiro: Record, 1999 – (Mineiramente Drummond; Crônica).

de Maria, nos faz navegar pelas crônicas do poeta mineiro, como se uma crônica apontasse para a outra, como se fôssemos crianças pequenas aprendendo a ler o mundo.

Olhar atento este, o do cronista. Olhar observador como o de uma criança descobrindo o mundo; olhar investigativo como o de um cientista que busca conferir suspeitas; olhar privilegiado como o dos pintores que trazem luz nos olhos; olhar zeloso como o dos namorados, capaz de aspergir ternura sobre as pequenas fragilidades da natureza humana; olhar esperto como o dos jogadores de cartas, que colhem num relance detalhes mínimos e fugidios; olhar de mágico, capaz de fundir pequenas porções de vida a outro tanto de imaginação, acrescentar o paciente trabalho com as palavras e tirar da manga ou da cartola a história que nos surpreende, a reflexão que nos desperta, a evidência que não enxergávamos, a crônica que depois de lida permanece em nós, nos acompanha e nos seduz.⁴

Além do olhar atento do cronista, do olhar de mágico que retira da manga a história que nos surpreende e nos acompanha pela vida afora, tanto para o futuro quanto para o passado, Drummond nos presentearia, na seleção de crônicas de Luzia de Maria, com técnicas refinadíssimas de Escrita Criativa. Leiamos.

Em segundo lugar (ou em primeiro, passando o motivo acima para segundo?), porque sentiu que seu amor a Cly, sendo caso típico e tradicional de um sentimento que vem desde o começo do mundo e que por isso mesmo corre perigo de parecer banal ou ultrapassado, quando não é mesmo negado por indivíduos que se dispõem a reformar a estrutura da vida, reduzindo-a a um feixe de obrigações e ambições, geradores de conflitos e guerras, em que o dinheiro e o poder assumem a liderança do mundo (puxa, mas este período está mais comprido do que a Belém-Brasília), sentindo isso, Bob achou bom preceito opor a tantos sinais de desumanização o seu sinal de 24 metros quadrados de ternura.⁵

Notem (no sublinhado) que Drummond retoma o pensamento do início do período mais comprido do que a Belém-Brasília, para que o(a) leitor(a) não se perca, não perca o fio do novelo de lã que é a narrativa-em-elipse-crescente-e-inteligente do autor mineiro.

⁴ MARIA, Luzia de. Da manga ou da cartola a história nos surpreende. In ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., 1999, p. 14.

⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. Declaração de amor em outdoor. In Op. cit., 1999, p. 41, sublinhado nosso.

Mais adiante, Drummond nos brinda com o que aprendemos também no módulo 8 sobre Hilda Hilst dos nossos “Os mundos de dentro”: a transmutação de características de personagens em linguagem.

I

Conversavam, na longa fila do cinema:

– E o seu caso com a Belmira?

– Encerrado, depois de um incidente onfálico. Observei-lhe que não ficava bem ir à praia de tanga, quando ainda emergia daquele problema de cirsônalo.

– E ela?

– Não gostou, e rompemos. Nossa ligação teve fim celíaco.

[...]

II

Recebi esta carta:

“Ignaro cronista, saúdo-o com simpatia. Então, escutou aquela conversa na fila do cinema e não entendeu patavina? Tão simples, meu caro. Se você tivesse uma tintura rala de latim e grego, em vez de passar pelas humanidades como motorista de ônibus pelo sinal vermelho, pegaria tudo que os dois médicos (eram médicos, está se vendo) falavam sem afetação. Usavam linguagem profissional, entende? E essa linguagem nada tem de hermética. Com o auxílio de afixos e radicais de origem grega e latina, forma palavras adequadas à expressão das diferentes partes do corpo humano e das doenças que as visitam. [...]”⁶

Mas esperem: a crônica acima não se parece com um conto? Não se parece com aquelas histórias que esticamos o ouvido para absorver o máximo possível na mesa ao lado do café (nos tempos que íamos aos cafés)? Sim, Drummond quebra os gêneros, e, mais adiante, veremos que também quebra os tempos, para nos deixar, não importa se crônica, conto ou poesia, com essas pequenas porções de vida que carregaremos para sempre em nossos corações. Vamos ver?

Em *Histórias para o rei*,⁷ encontramos uma confissão ao mesmo tempo que declaração de amor pelo gênero do conto.

⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. Conversa na fila. In Op. cit., 1999, p. 57 e 60, colchetes nossos.

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Histórias para o rei*. Seleção: Luzia de Maria. Rio de Janeiro: Record, 1999 – (Mineiramente Drummond; Contos).

Há muita coisa a emendar em meus contos. Às vezes eles saem totalmente ao contrário daquilo que pretendiam contar. Costumam até ficar melhor, mas nem sempre.

[...]

Só um de meus contos me acompanha por toda parte, ao jeito de gato fiel, sem que o faça para pedir alimento. É um continho bobo, anão, contente da vida. Vai no meu bolso. Não o leio para ninguém. Seu calor me agasalha, já não me lembra o que diz, pois nunca o releio, mas sei que é raríssimo o texto que seja amigo do autor, e, quanto a este, não duvido. Meu melhor amigo é um continho em branco, de enredo singelo, passado todo ele na antena esquerda de um gafanhoto.⁸

Ou mesmo o desafio-exercício (que já realizei um dia)⁹ de escrever/criar ao menos um conto por dia.

Nunca podia imaginar que fosse tão agradável a função de contar histórias, para a qual fui nomeado por decreto do Rei. A nomeação colheu-me de surpresa, pois jamais exercitara dotes de imaginação, e até me exprimo com certa dificuldade verbal. Mas bastou que o Rei confiasse em mim para que as histórias me jorrassem da boca à maneira de água corrente. Nem carecia inventá-las. Inventavam-se a si mesmas.¹⁰

Mas *A palavra mágica*¹¹ de Drummond é mesmo a poesia. Nela ele passeia sem medos, vergonhas, pudores, e, apesar de estarmos nos alfabetizando em uma coleção de livros para jovens, sentimos a volúpia com que suas palavras envolvem os nossos olhos, dedos e nosso coração...

Mas leio, leio. Em filosofias
tropeço e caio, cavalgo de novo
meu verde livro, em cavalarias
me perco, medievo; em contos, poemas
me vejo viver. Como te devoro,
verde pastagem. Ou antes carruagem

⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. Estes contos. In Op. cit., 1999, p. 19, colchetes nossos.

⁹ Em *13*, Recife: Raio de Sol, 2019, coleção Cinco Livros, desafiei-me a escrever cinquenta contos em um mês (mais de um por dia) em homenagem ao meu cinquentenário.

¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. Histórias para o rei. In Op. cit., 1999, p. 50.

¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. *A palavra mágica*. Seleção: Luzia de Maria. Rio de Janeiro: Record, 1999 – (Mineiramente Drummond; Poesia).

de fugir de mim e me trazer de volta à casa a qualquer hora num fechar de páginas?¹²

... trazendo-nos à memória um poema nem tão desconhecido assim...

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.¹³

... até nos ancorarmos no presente e nos prepararmos para a parte teórica do módulo 10 sobre Carlos Drummond de Andrade, e o poema que abre este material de apoio, na voz do cantor pernambucano Paulo Diniz.

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,

¹² ANDRADE, Carlos Drummond de. Biblioteca verde. In *Com volúpia voltei a ser menino*. In Op. cit., 1999, p. 31.

¹³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Memória. In *Que verdura é amor?* In Op. cit., 1999, p. 60.

a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta,
e agora, José?¹⁴

Duração e simultaneidade

– *Ó vida futura, nós te criaremos!*
(Mundo grande, Carlos Drummond de Andrade)

<https://www.youtube.com/watch?v=3XLw8cCSPIo>¹⁵

O filme *Radioactive* me inspirou para fazer a relação entre a obra de Carlos Drummond de Andrade e uma teoria. Acompanhamos, em Paris, a história de amor e descobertas científicas do rádio e da radioatividade de Marie e Pierre Curie, vividos, respectivamente, pelos atores britânicos Rosamund Pike e Sam Riley. A diretora iraniana e romancista gráfica Marjane Satrapi nos apresenta Marie, em 1934, tendo visões do futuro, consequências de suas descobertas: radioterapia no combate ao câncer em 1965; explosão das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki em 1945; teste nuclear em Nevada (EUA) em 1961; acidente da usina nuclear de Chernobyl em 1985. Mas também nos mostra cenas do passado: encontros, em 1893, com Pierre Curie (grande amor de sua vida), e, em 1927, na Conferência de Salvoy (sobre física quântica e radioatividade), em Bruxelas, Bélgica, com Albert Einstein.

¹⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. José. In *O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente*. In Op. cit., 1999, p. 99.

¹⁵ *Radioactive*. 2019. Reino Unido. 109 min. Direção: Marjane Satrapi. Com Rosamund Pike, Sam Riley, Aneurin Barnard, Anya Taylor-Joy, entre outros.

No prefácio de *Sentimento do mundo*,¹⁶ de Carlos Drummond de Andrade, o romancista, poeta, ensaísta, professor mineiro Silviano Santiago nos apresenta uma ponte entre as descobertas de Marie Curie e Albert Einstein e a poesia do autor do módulo 10 do nosso “Os mundos de dentro”.

Depois de Machado de Assis, Drummond com o seu sentimento do mundo é quem tem uma visão *simultânea* e *responsável* dos acontecimentos sociopolíticos e econômicos no planeta Terra. Vale dizer: sua poesia expressa certa *certeza* sobre o espaço e a geografia mundiais, sobre o tempo e a história universais. (Na escrita de Machado e Drummond, intelectuais que recusaram os prazeres da viagem transcontinental para melhor e mais lucidamente viajarem pelo espaço e pelo tempo, a visão de mundo expressa pela dupla simultaneidade só pode ser coisa de bruxo da linguagem.)¹⁷

Trazemos ao centro do nosso módulo duas fontes que compactuam com a simultaneidade responsável e a teoria da viagem pelo espaço e pelo tempo encontradas em *Radioactive* e, principalmente, na poesia de Drummond.

A primeira fonte é do próprio pai da Teoria da Relatividade, o cientista judeu-alemão Albert Einstein.

Caíram relâmpagos em dois pontos distantes *A* e *B* da nossa estrada de ferro. Afirmo também que os dois raios atingiram os trilhos *ao mesmo tempo*. Se eu lhe perguntar, caro leitor, se esta última afirmação tem sentido, é certo que você responderá com convicção que sim. Mas se eu lhe pedir então que me explique mais precisamente o que isso quer dizer, você notará depois de pensar um pouco que a resposta não é tão fácil como parecia num primeiro momento.¹⁸

Einstein vai nos explicar, didaticamente para leigos, a relatividade e a simultaneidade do tempo, que depende do espaço em que o(a) observador(a) se encontrar ou, trazendo para o nosso curso, em que o(a) leitor(a) estiver.

¹⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Prefácio: Silviano Santiago. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

¹⁷ SANTIAGO, Silviano. Prefácio. In ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., 2005, p. 11.

¹⁸ EINSTEIN, Albert. *A teoria da relatividade: sobre a teoria da relatividade especial e geral* (para leigos). Tradução: Silvio Levy. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013, p. 34, itálico da edição.

Tragamos para Drummond. No poema de abertura (e de mesmo nome) deste livro inquietante – mais adiante explicarei por que –, o autor mineiro apresenta a angústia de todo ser humano: a de querer ocupar dois lugares ao mesmo tempo.

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.¹⁹

Esse sentimento que engloba o mundo inteiro e o faz uno, e aproxima os corpos na distância do tempo, da pandemia e do espaço: o amor. E é exatamente o amor, a duração pura, que nos leva à segunda fonte teórica do nosso módulo: o diplomata e filósofo francês, Prêmio Nobel em Literatura (1927) Henri Bergson, no seu *Duração e simultaneidade*.

Todavia, da simultaneidade de dois fluxos jamais passaríamos para a de dois instantes se ficássemos na duração pura, pois toda duração é espessa: o tempo real não tem instantes. Mas formamos naturalmente a ideia de instante e também a de instantes simultâneos desde que adquirimos o hábito de converter o tempo em espaço.²⁰

Drummond viaja no tempo e no espaço e se encontra com Bandeira, o autor estudado no módulo 2 do nosso curso, e faz uma homenagem no seu aniversário de cinquenta anos.

Por isso sofremos: pela mensagem que nos confias
entre ônibus, abafada pelo pregão dos jornais e mil queixas operárias;

¹⁹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. In Op. cit., 2005, p. 17.

²⁰ BERGSON, Henri. *Duração e simultaneidade*: a propósito da teoria de Einstein. Tradução: Claudia Berliner. Revisão técnica: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 62 – (Tópicos). Tanto Einstein quanto Bergson e a Teoria da Relatividade foram investigados no segundo capítulo sobre o tempo da minha dissertação de mestrado em Teoria de Literatura (UFPE) *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde: um romance indicial, agostiniano e prefigural, Novas Edições Acadêmicas/OmniScriptum GmbH & Co. KG, Saarbrücken, Alemanha, 2016.

essa insistente mas discreta mensagem
que, aos cinquenta anos, poeta, nos trazes;
e essa fidelidade a ti mesmo com que nos apareces
sem uma queixa, no rosto entretanto experiente,
mão firme estendida para o aperto fraterno
– o poeta acima da guerra e do ódio entre os homens –,
o poeta ainda capaz de amar Esmeralda embora a alma anoiteça,
o poeta melhor que nós todos, o poeta mais forte
– mas haverá lugar para a poesia?²¹

Primeira viagem no tempo e no espaço. Transportamo-nos para 2019, e o poema de *14*, outro livro da coleção Cinco Livros, em homenagem ao meu aniversário de cinquenta anos e quinze de escrita. Como se os poemas/textos que pensamos escrever antes de lermos os dos outros fossem irmãos...

Pediram

Para eu contar

Meu segredo

Mas um segredo

É uma pétala

De flor

Que ao se revelar

Morre

Que ao se contar

Mente

²¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. Ode no cinquentenário do poeta brasileiro. In Op. cit., 2005, p. 55.

Não sei mais
Mentir de verdade
Com asas de borboleta
Caules de girassol
Então pergunto
Às joaninhas
Que habitam
Cada um de nós
Como se faz
Poesia?²²

... até chegarmos à conjunção de tempo e espaço que o amor-poema de Drummond me provocou (constato data e local nas anotações a lápis no livro *Sentimento do mundo*) tanto no ano em que entrei em contato com a Escrita Criativa pela primeira vez em Porto Alegre, na Oficina Literária Luiz Antonio de Assis Brasil, às vésperas de lançar o meu segundo livro *As joaninhas não mentem* (2006), viajar para Paris e estudar na Sorbonne, quanto nesses anos (2020, 2021...) da pandemia de Covid-19.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,
esperava cartas que custavam a chegar,
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!²³

²² E as joaninhas não mentem, em *14*, Recife: Raio de Sol, 2019, p. 24, coleção Cinco Livros.

²³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Lembrança do mundo antigo. In *Op. cit.*, 2005, p. 71.

Uma casa mineira

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.²⁴

Situada na Praça do Centenário, 137, Centro, Itabira, a Casa Fundação Carlos Drummond de Andrade abrigou o poeta mineiro dos dois aos treze anos e o inspirou pela vida inteira. A casa-museu realiza um trabalho semelhante à de outro escritor mineiro, que veremos no módulo 11 – o próximo –, João Guimarães Rosa. No museu de Rosa, encontramos os minguilins, crianças e adolescentes que apreendem trechos da obra roseana e recitam aos visitantes. Crianças e adolescentes também são ensinados a apreenderem os poemas de Drummond, transformando-se assim em drummonzinhos.

Podemos saborear os versos do autor do módulo 10 como se fossem pão de queijo, queijo de minas, doce de leite cremoso. Podemos, sentadas(os) em nossas cadeiras num dia de chuva, sorver o espírito mineiro com suas delícias, quer sejam culinárias/físicas ou poéticas/intelectuais. Podemos nos preparar para as sugestões de filmes, o exercício de desbloqueio e o encontro virtual com a poetisa, artista performática e especialista em Escrita Criativa, Bernadete Bruto, que, ao lado de Elba Lins (também poetisa e especialista em EC, que nos brindou com sua paixão por Vinicius de Moraes no módulo 5), são as maiores apoiadoras e incentivadoras deste curso Estudos em Escrita Criativa, que está, daqui a pouco, chegando ao seu fim.

Filmes sobre Carlos Drummond de Andrade e a Escrita Criativa

1) *Vida e verso de Carlos Drummond de Andrade* (2020):

<https://www.youtube.com/watch?v=TgSoN0Y5IUA>

²⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Confidência do itabirano. In Op. cit., 2005, p. 19.



2) *Consideração do poema* (2020):

<https://www.youtube.com/watch?v=bUWRv1yu6aM>

3) *O último poema* (2015):

<https://www.youtube.com/watch?v=REDL2FsZ9BU>

Exercício de desbloqueio

Escreva cartas ao poeta de Itabira contando sobre o seu processo de criação, os teóricos, ficcionistas e poetas que mais influenciaram no seu fazer literário/poético. Escreva em forma de vídeos, fotografias, podcasts, ou mesmo de simples e imprescindíveis papel e caneta, tela e teclado, sem esquecer (no caso de vídeos, fotografias, podcasts) da palavra escrita, estrela central do nosso curso “Os mundos de dentro”.